

O DESPERTAR
DA GRAÇA

CHARLES R. SWINDOLL

O DESPERTAR DA GRAÇA

Traduzido por EMIRSON JUSTINO

MC
mundocristão
São Paulo

Copyright © 1990, 1996, 2003 por Charles R. Swindoll
Publicado originalmente por Thomas Nelson Inc., Tennesse, EUA

Editora responsável: Silvia Justino
Supervisão editorial: Ester Tarrone
Assistente editorial: Miriam de Assis
Preparação: Edmea Garcia
Revisão: Polyana Lima
Coordenação de produção: Lilian Melo
Colaboração: Pâmela Moura

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Swindoll, Charles R.

O despertar da graça / Charles R. Swindoll; traduzido por Emerson Justino. —
São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

Título original: The Grace Awakening.
ISBN 978-85-7325-553-9

1. Graça (Teologia) I. Título

08-11322

CDD-234

Índice para catálogo sistemático:

1. Graça: Teologia 234

Categoria: Inspiração

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: março de 2009

É com grande carinho que dedico este livro a

Paul e Sue Sailhamer

e

Howie e Marilyn Stevenson,

cujas vidas e ministérios irradiam graça.

Por causa de nossa amizade tão próxima,

entendo melhor o que significa ser livre.

Agradecimentos

SOU UM HOMEM AGRADECIDO. Tenho todas as razões para sê-lo. É minha alegria ser cercado de incentivo, afirmação, comentários positivos e um suprimento abundante de esperança nova para prosseguir em tarefas difíceis, tudo isso provido pelas pessoas que me cercam. Considero essas pessoas mais do que amigas; elas são parceiras comigo, verdadeiras até o fim. Dizer que elas contribuíram muito para tornar este livro realidade é diminuir grosseiramente esse fato.

Ao contrário dos rumores recorrentes, não possuo uma equipe de escritores, nem um grupo de pesquisadores que me fornecem material histórico e ilustrativo nem alguém que sirva como *ghost writer*. Cada palavra sai de minha própria pena, por meio daquele processo tão antigo que a maioria dos autores ainda usa: sangue, suor, lágrimas, noites sem dormir, olhares prolongados sobre folhas de papel em branco, dias improdutivos quando tudo termina sendo jogado no lixo e momentos sazonais quando a inspiração e as idéias fluem. Meu método é por demais obsoleto: eu nem sequer uso um processador de textos para escrever meus livros, fato comprovado por um grosso e antigo calo no dedo.

Mas o que de fato tenho são parceiros fiéis que têm confiança suficiente para orar por mim enquanto estou no meio da

gestação de um livro. Eles, porém, fazem mais do que orar. Alguns dão sugestões. Outros oferecem idéias e lançam advertências, assim como me estimulam com perguntas. Um digita, outro edita, vários lêem e muitos ouvem pacientemente. Pelo fato de ser pastor, tendo iniciado uma igreja ao norte de Dallas, na cidade de Frisco, Texas, também tenho muitos ouvidos prontos a escutar aquilo que, mais tarde, coloco em livro. Eles ajudam a afiar minhas palavras ao responder aquilo que disse com comentários frequentemente tocantes. Também existem aqueles que servem comigo na mesma equipe pastoral — meus colegas mais próximos — com quem tenho um invejável e raro relacionamento. Não posso ser mais sincero ou grato ao reconhecer o valor que eles têm em minha vida e a contribuição que fazem à minha obra. Esses são todos os meus “parceiros”, anônimos mas grandemente reconhecidos.

De maneira mais específica, sou devedor a David Moberg, do W Publishing Group, por seu entusiasmo com a revisão deste livro. Seu apoio foi incansável desde o início. Além disso, o falecido Kip Jordon e Ernie Owen, ambos amigos meus de longa data na Word, deram-me grande incentivo, convencidos de que minha perspectiva e convicções sobre a graça mereciam ser publicadas, permitindo assim que todos pudessem ler aquilo sobre o que conversávamos e com que concordávamos havia anos. Enquanto reconheço minha apreciação pelos membros da família W Publishing, não ousou esquecer de mencionar minha editora, Beverly Phillips, com quem trabalho há mais de uma década. Ela continua a representar as qualidades daquilo que um autor mais precisa num editor: olhar perspicaz, espírito sensível, conselho sábio, precisão mesclada com flexibilidade, perguntas profundas que me fazem pensar e um tipo de crítica convincente que me força a reavaliar e (ugh!) reescrever.

Minha lista seria incompleta se eu deixasse de mencionar Sealy Yates e sua valiosa assistência nos bastidores. Sendo o homem íntegro que é, o conselho e as sugestões que deu se mostraram verdadeiros e provaram ser as melhores. Sou grato por

ele ter-se preocupado mais com o projeto de *O despertar da graça* do que com sua própria agenda; quando minha paciência estava prestes a acabar, ele demonstrou o tipo de graça sobre a qual escrevo. E, naturalmente, devo mais uma vez expressar meu profundo agradecimento a Helen Peters, cuja diligência não conhece limites. Com determinação incansável, ela leu as provas do manuscrito inúmeras vezes, corrigiu meus erros ortográficos, digitou cada palavra, verificou todas as minhas citações e ilustrações, adaptou sua agenda pessoal para satisfazer as exigências dos prazos, colocou a cópia final na forma perfeita antes do prazo — o que, por si só, já foi um milagre — e tudo isso sem nenhuma palavra de desespero ou reclamação. Helen poderia ser um retrato vivo da graça.

Finalmente, agradeço o apoio de toda a minha família, cujas atitudes e expressões de graça foram simplesmente incríveis. Apesar das tempestades pelas quais temos passado e da dor que temos sofrido juntos, nem uma vez sequer senti qualquer coisa diferente de amor incondicional e apoio absoluto. Em vez de nos separarmos, ficamos mais unidos do que nunca. Assim, agradeço a você, Cynthia, e a todos os membros da nossa família, como também a Luci, minha querida irmã, por sua incessante lealdade e amor.

“Até aqui o SENHOR nos ajudou.” (1Sm 7:12)

Sumário

Prefácio do editor	11
Introdução	15
1. Graça: ela é realmente maravilhosa!	17
2. O dom gratuito	31
3. A graça não é arriscada?	50
4. Não merecedor, mas amado incondicionalmente	69
5. Resistindo ao legalismo	88
6. Você foi liberto? Então viva de acordo!	117
7. Guiando outros à liberdade	140
8. A graça para deixar que os outros sejam o que são	165
9. Discordando com graça e seguindo adiante	187
10. Graça: próxima e pessoal	208
11. Você é <i>realmente</i> um ministro da graça?	226
12. Um casamento banhado pela graça	250
13. A encantadora alegria de contribuir com graça	272
14. Graça: ela <i>realmente</i> tem a ver com aceitação	289
Conclusão	312
Bibliografia	316

Prefácio do editor

VIVEMOS EM UM MUNDO DE MUDANÇAS CONSTANTES. Talvez nenhuma era da história tenha assistido a tantas mudanças dramáticas em um período de tempo tão curto como acontece agora. A liberdade nasceu na Europa oriental e na ex-União Soviética; acontecimentos sociais e políticos na Palestina e na Europa central estão mudando o panorama do mundo. Como resultado, testemunhamos uma enorme explosão de interesse em assuntos espirituais por todos os segmentos da sociedade. Atualmente, a fé cristã está passando por um dos períodos de maior crescimento da era moderna.

Quando do lançamento do livro *O despertar da graça*, em 1990 (nos Estados Unidos), Charles Swindoll queria abordar a questão dos “assassinos da graça” pessoas que restringiam e limitavam o potencial dinâmico da vida cristã. Entre os mais visíveis e perigosos, estão aqueles que criticam, condenam e esmagam nossas esperanças de uma vida feliz. Chuck advertiu que o legalismo na igreja — escondido por trás da máscara da ortodoxia ou da espiritualidade — estava roubando a felicidade dos crentes e mantendo a fé refém. Naquele momento, o que precisávamos era um despertar.

Poucos dias depois do lançamento do livro, as respostas começaram a chegar aos montes à editora. Cartas, cartões e resenhas de pastores, professores e outros cristãos agradecidos, vindos de todas

as partes dos Estados Unidos. Alguns diziam ter-se sentido aprisionados em sua fé até reconhecerem sua própria necessidade de um “despertar da graça”. De repente, entenderam a realidade da regeneração que Cristo desejava a todos nós. Se somos “nova criação em Cristo”, perguntavam eles, por que não estamos nos alegrando mais e nos preocupando menos? Infelizmente, alguns líderes cristãos haviam se cansado das investidas, perderam a batalha e pediram demissão da posição que um dia ocuparam.

Charles Swindoll destaca que Paulo nos oferece a perspectiva correta em sua carta à igreja de Éfeso, quando o apóstolo diz: “você são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2:8-9). A maioria adota rapidamente uma salvação baseada na graça, mas, pergunta o autor, com que frequência caímos na armadilha de uma vida cristã baseada em obras? E quão habitualmente trocamos a liberdade e a espontaneidade de nossa caminhada de fé por um código feito por homens, repleto de permissões e proibições? Nada asfixia mais a fé, insiste o autor, do que a carranca do legalismo, que traz consigo um espírito de crítica e julgamento.

Em diversas ocasiões desde que este livro foi lançado, Charles Swindoll tem sido abordado por pessoas totalmente estranhas para ouvir a história das transformações individuais feitas pelo despertar da graça. Um desses encontros aconteceu em um aeroporto, quando uma mulher se levantou e perguntou se por acaso ele era o autor do “melhor livro que já li sobre a graça” (suas palavras exatas). Depois de se terem apresentado formalmente, ela lhe contou como não apenas sua vida fora transformada, mas a mudança gerada na vida de todos os membros de sua família.

Seu marido era pastor de uma igreja extremamente legalista, de uma denominação conhecida por sua rigidez e seu espírito de julgamento. De fato, ele fora criado e educado nesse tipo de atmosfera religiosa sufocante e exigente. Era tudo o que ele conhecia. Listas de desempenho eram comuns, por meio das quais os líderes expressavam o que se esperava de todos aqueles que desejavam

agradar a Deus. A pressão foi-se acumulando, especialmente na casa daquele pastor.

Não apenas os filhos adolescentes começaram a se rebelar, mas a própria esposa do pastor se desencantou com todo aquele sistema de “teologia das obras”. Em vez de ensinar a Palavra de Deus com graça e atenção, seu marido — e todos aqueles que assumiam o púlpito de sua igreja — molestavam e ameaçavam o rebanho. Ela ficou deprimida, sem esperança de ver uma mudança e sem saber como escapar daquilo. Foi então que encontrou o livro *O despertar da graça*, que ela “devorou em alguns dias”, muito embora não estivesse entre os livros aprovados por sua denominação.

Ao observar o retorno do entusiasmo e da alegria da esposa, o marido foi levado a também ler o livro. Antes de terminá-lo, começou a ver quão mal orientado e enganado ele fora. Teve então a coragem de vir a público e admitir, do púlpito, que um despertar da graça o fizera mudar completamente, e que não poderia mais promover o legalismo, a hipocrisia e a religião sem alegria, uma parte tão fundamental de sua igreja e de sua denominação. O pastor recusou-se a continuar fazendo o papel de um assassino da graça.

Seu pedido de demissão foi recebido com olhares frios; a família foi literalmente desprezada por aqueles seus “amigos da igreja” de tão longa data. Mas aquele homem, sua esposa e até mesmo seus filhos adolescentes conhecem agora uma alegria e um alívio em seu inter-relacionamento (e com o Senhor) que jamais pensaram ser possível existir. Sua caminhada cristã, agora baseada na graça, foi literalmente revolucionária. Como diz Swindoll, aquela senhora “irradia uma alegria contagiante. Poucas vezes vi uma pessoa que transpira o amor e a graça de Cristo tão naturalmente, de maneira tão entusiasmada. A graça realmente despertou dentro dela!”.

O mundo prosseguiu em suas mudanças dramáticas desde a publicação do livro. Além das mudanças políticas por todo o planeta, também aconteceram impressionantes revoluções morais e éticas — um despertar da consciência e do caráter de proporções impressionantes. O cristianismo tem invadido o mundo inteiro.

Testemunhamos movimentos de oração marcados pela confissão aberta de pecado e arrependimento em *campi* universitários. O derramamento do Espírito tem chamado congregações e até mesmo denominações de volta ao seu primeiro amor por Cristo. Temos testemunhado o nascimento de movimentos voltados ao público masculino e feminino, centralizados em Cristo, que já tocaram centenas de milhares de vidas com admoestação firme e ensinamento bíblico sobre a importância de caráter, integridade, fidelidade, além de instruir sobre como enfrentar pressões e de que maneira cumprir suas promessas. Charles Swindoll e sua irmã, Luci Swindoll, fazem parte desses movimentos, não apenas falando nas organizações Promise Keepers e Women of Faith por todos os Estados Unidos, mas por meio do ministério contínuo deste importante livro.

Está claro agora que *O despertar da graça* foi profético em vários aspectos. Muitos dos sinais de liberdade que o autor descreveu nestas páginas tornaram-se realidade. Essa é a razão do lançamento desta nova edição, refeita e apresentada para outra geração de crentes. Nossa esperança é que a mensagem atemporal de *O despertar da graça* possa agora começar a tocar a vida de um grupo totalmente novo de crentes e encorajar homens e mulheres de todos os lugares em sua caminhada de fé.

Muito embora a mensagem deste livro já tenha tido um impacto dramático sobre a maneira de pensarmos sobre a vida cristã, a sabedoria e o conselho contidos nestas páginas são necessários hoje mais do que nunca. Desde o 11 de setembro, os desafios do mundo ao nosso redor são maiores do que nunca, mas a necessidade de cristãos que vivam seu testemunho em liberdade e compaixão é ainda maior.

Paulo escreve em Romanos 12:6 que “temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada” e que cada um deve usá-los “na proporção da sua fé”. De fato, todos nós temos dons, mas a esperança do editor é que este livro nos ajude a ser uma geração de crentes moldados à imagem de Cristo, caminhando ousadamente na liberdade da fé que nosso Senhor desejava. Quando isso ocorre, *O despertar da graça* é não apenas um livro digno de ser lido, mas uma vida digna de ser vivida.

Introdução

O CORAÇÃO HUMANO ANSEIA A LIBERTAÇÃO. Tudo dentro de nós luta contra o fardo da tirania e da opressão. Nossa alma não foi feita para viver em gaiolas de medo que nos afastam das alegrias da liberdade. Assim que provamos um pouco desse alívio, nosso apetite por mais se intensifica. Isso é verdade para aqueles que viveram atrás da cortina de ferro na Europa oriental, sob o governo e as regras fanáticas do Talibã no Afeganistão ou sob o violento regime ditatorial de Saddam Hussein no Iraque. E é do mesmo modo verdadeiro para o povo de Deus que já viveu tempo demais sob a mão sufocante das exigências e expectativas legalistas. Aqueles que desejam controlar e intimidar outros membros do Corpo de Cristo já o fizeram por tempo suficiente.

Estou feliz por anunciar que essa mão pesada está afrouxando à medida que a graça está despertando.

Cerca de uma década já se passou desde que escrevi e publiquei a primeira edição deste livro nos Estados Unidos. Naquela época, mencionei que um movimento estava surgindo no horizonte: um movimento de libertação das coisas que nos haviam prendido por tempo demais. Com o passar desses últimos anos, tem sido maravilhoso testemunhar o crescimento desse movimento. Nós, que sempre nos colocamos firmemente a favor da graça de Deus para

sermos salvos da dominação do pecado, estamos finalmente aprendendo a nos firmar nessa mesma graça para ser libertos das fortes restrições e das manipulações baseadas na vergonha perpetradas por outras pessoas. Tendo provado as doces alegrias da liberdade em Cristo, mais e mais membros da família cristã não mais se satisfazem com menos do que isso. Nós também não deveríamos nos satisfazer.

Baseado na reação de tantos que falaram comigo pessoalmente ou por meio de cartas agradecidas sobre sua libertação do legalismo, decidi produzir esta edição recém-revisada de *O despertar da graça*. O momento parece ser adequado.

Minha esperança é que este volume cause novo impacto numa geração completamente nova de crentes ansiosos por se libertarem do fardo imposto por outros, mas que ainda não descobriram como fazê-lo. É gratificante pensar que estas páginas fornecerão as chaves pelas quais você tem procurado para poder destrancar essas portas e libertar-se dessas algemas da escravidão aos outros, despertando-o para aquilo que significa ser verdadeiramente livre.

Livre em Cristo. Livre de fato. Livre, finalmente.

CHARLES R. SWINDOLL
Dallas, Texas

Graça: ela é realmente maravilhosa!

A moralização e a legalização do evangelho da graça de Deus é uma tola heresia, difundida junto a pessoas que estão iradas porque não receberam aquilo que não tinham nenhuma boa razão para esperar.

RICHARD J. NEUHAUS

HÁ ASSASSINOS À SOLTA HOJE EM DIA. O problema é que você não pode dizer isso só de olhar. Eles não usam bótoms de identificação, nem carregam sinais advertindo todos em manter distância. Pelo contrário, muitos deles carregam Bíblias e parecem ser pessoas de vida pura, com bela aparência e cumpridoras da lei. A maioria deles passa muito tempo nas igrejas, alguns em postos de liderança religiosa. Muitos são tão respeitados na comunidade que seus vizinhos jamais imaginariam que vivem ao lado de assassinos.

Eles matam livremente, com espontaneidade e criatividade; matam tanto a alegria quanto a produtividade. Matam com suas palavras, sua caneta e seu olhar. Matam muito mais com sua atitude do que com seu comportamento. Dificilmente há uma igreja, uma organização cristã, uma escola cristã, um grupo missionário ou um ministério que faça uso da mídia onde tal perigo não esteja espreitando. A coisa mais impressionante é que todo dia, sem falhar, escapam da punição sem serem confrontados ou expostos. É estranho também que os mesmos ministros incapazes de suportar

uma heresia por dez minutos ficam de lado e permitem que esses assassinos ocupem todo espaço que precisam para manobrar e manipular os outros da maneira mais insidiosa que se pode imaginar. A intolerância deles é tolerada. Seu espírito julgador não é julgado. Suas táticas de intimidação não são controladas. Sua atitude intolerante pode ser tanto justificada quanto rapidamente defendida. O fardo resultante seria um crime, caso não fosse tão sutil e não estivesse revestido de algo com aparência tão espiritualmente sadia.

Hoje — neste exato momento — milhões de indivíduos que deveriam ser livres e produtivos estão vivendo com vergonha, medo e intimidação. A coisa trágica é que eles pensam que é assim que deve ser. Nunca conheceram a verdade que pode libertá-los. São vítimas, existindo como se vivessem no corredor da morte, em vez de desfrutar da beleza e do ar fresco da vida abundante que Cristo delineou e que permitiu que todos os seus seguidores desfrutassem. Infelizmente, a maioria não faz a menor idéia do que está perdendo.

Se pudéssemos resumir esse pacote todo em uma palavra, ela seria *graça*. É ela que tem sido agredida de maneira tão contínua e violenta. Aqueles que não se sentem confortáveis em negá-la decidiram debatê-la. Assim como aconteceu nos dias da Reforma Protestante, a graça mais uma vez se tornou uma bola de futebol teológica que é chutada de um campo para outro à medida que teólogos e pregadores, acadêmicos e alunos discutem os termos, como se fossem treinadores frustrados, em campos opostos, tentando ganhar vantagem sobre o outro. É um clássico debate em que ninguém ganha. Ele trivializa a questão e faz que a torcida que assiste à briga nas arquibancadas fique confusa, polarizada ou, pior ainda, entediada. A graça foi concebida para ser recebida e vivida plenamente, não dissecada e analisada por aqueles que preferem discuti-la a desfrutá-la. Chega disso! A graça deve ser despertada e libertada, não negada... desfrutada e livremente concedida, não debatida.

Graça recebida mas não expressa é graça morta. Gastar o tempo de alguém debatendo de que maneira a graça é recebida ou quanto comprometimento é necessário para a salvação, sem abordar o que significa viver pela graça e sem desfrutar da magnífica liberdade que ela fornece, rapidamente leva a uma discussão contraproducente. Torna-se um pouco mais do que outra busca trivial e entediante na qual a maioria do povo de Deus passa dias olhando para trás e perguntando “como recebemos isso?” em vez de olhar para a frente e anunciar “a graça é nossa... vamos vivê-la!”. Seja por negá-la seja por debatê-la, nós a estaremos matando. Meu apelo é que clamemos por ela e deixemos que ela nos liberte. Quando o fizermos, a graça realizará seu propósito original: ser realmente maravilhosa! Quando isso acontecer, todo nosso semblante mudará.

ROSTOS “NÃO” ... ROSTOS “SIM”

Em determinado ponto de seu livro intitulado *The Vital Balance* [O equilíbrio vital], o dr. Karl Menninger discute a personalidade negativista. É o tipo de pessoa que diz “não” a praticamente qualquer coisa. Chamando essas pessoas de “pacientes perturbados”, Menninger (certamente com ironia) menciona várias das coisas que caracterizam a vida delas: nunca fizeram empréstimos sem ter plena certeza de que podiam pagá-los, jamais votaram a favor de uma causa liberal ou patrocinaram qualquer extravagância. Por quê? Menninger sugere que isso acontece porque elas não se permitem ter o prazer de dar. Ele as descreve em termos bastante claros: “Pessoas rígidas, com infelicidade crônica, amargas, inseguras e freqüentemente suicidas”.¹

Eu faria uma descrição adicional — elas nunca se deram a permissão de ser livres. Ainda aprisionadas atrás das grades das preocupações mesquinhas e das suspeitas cheias de críticas, elas

¹ P. 204–205.

aprenderam a viver debaixo de um fardo que tem prejudicado sua habilidade de ver além das exigências da vida. Carentes da graça, elas reduziram a vida a regras e regulamentos essenciais à sobrevivência. Seu Deus é pequeno demais, seu mundo é rígido demais e, portanto, seu rosto está sempre dizendo “não!”.

Francamente, não conheço nada que tenha mais poder de nos mudar por dentro do que a liberdade que vem por meio da graça. É tão maravilhosa que pode mudar não apenas nosso coração, mas também nossa face. E só Deus sabe há quanto tempo alguns de nós já deveríamos ter feito uma mudança de face! Você foi criado por pais cuja face dizia “não”? Ou você está casado com alguém que tem uma face “não”? Se for esse o caso, você inveja aqueles que tiveram pais com face “sim” ou estão casados com cônjuges de face “sim”. Todos nós somos atraídos àqueles cujas faces nos convidam a entrar e que nos incentivam.

Durante seus dias como presidente dos Estados Unidos, Thomas Jefferson e um grupo de companheiros estavam viajando pelo país a cavalo. Chegaram a um rio que havia transbordado devido a temporais recentes. O rio havia destruído a ponte. Cada um dos cavaleiros foi forçado a cruzar o rio montado em seu cavalo, lutando contra a correnteza para preservar a vida. Todos os cavaleiros estavam ameaçados pela possibilidade bastante real de morrer, o que fez com que um viajante, que não era parte de seu grupo, se colocasse de lado e assistisse. Depois que vários se lançaram ao rio e conseguiram chegar à outra margem, o estranho perguntou ao presidente Jefferson se ele podia levá-lo à outra margem do rio. O presidente concordou sem hesitar. O homem subiu no cavalo e, pouco tempo depois, os dois chegaram em segurança ao outro lado. Enquanto o estranho descia da cela do cavalo e pisava no chão seco, um dos membros do grupo perguntou:

— Diga-me, por que você escolheu o presidente para lhe fazer esse favor?

O homem ficou chocado, admitindo que não fazia idéia de que o presidente o havia ajudado.

— Tudo o que sei — disse ele — é que na face de alguns de vocês estava escrito “não” e, em outros, a resposta era “sim”. Este tinha uma face “sim”.²

A liberdade dá às pessoas uma face “sim”. Tenho confiança de que Jesus tinha uma face “sim”. Nunca o vi, mas concluí que isso era verdade, com base no que li sobre ele. Que contraste ele deve ter sido! Estava cercado de homens letrados, religiosos, paramentados, *justos*, instruídos na lei, homens profissionais cujo comportamento anunciava um “NÃO!”. Devotos por fora, assassinos por dentro... contudo, nada de seu veneno se derramou sobre a vida de Jesus. Pelo contrário, ele revolucionou todo o rumo da religião porque anunciava “sim” enquanto todos os parceiros profissionais estavam franzindo a testa com um “não”. Isso me intrigou por muitos anos. Como era possível? O que fazia com que Jesus não fosse aprisionado por eles? Resumindo em uma única palavra: foi *graça*. Ele estava tão cheio de verdade e graça que não deixou nenhum espaço interno para o veneno legalista daquelas pessoas.

Enquanto pensava nos dias passados com Jesus, João (um dos Doze) recorda que havia algo em Jesus que não existia em mais ninguém. Durante aquele período, seus discípulos puderam dizer “vimos a sua glória”. Sua singularidade era essa incrível “glória”, uma glória que representava a própria presença de Deus. Além disso, esse ser glorioso era “cheio de graça e de verdade”. Pare por um instante e deixe que isso penetre em você. Era a glória de Jesus, misturada com sua graça e verdade, que o fazia diferente. Num mundo de trevas e exigências, regras e regulamentos, necessidades e expectativas exigidas por líderes religiosos hipócritas, Jesus veio e ministrou de uma maneira completamente nova. Somente ele, cheio de graça e também cheio de verdade, apresentou um jeito de viver revolucionário e totalmente diferente.

Lembrando-se daquela singularidade, João adiciona: “Todos recebemos da sua plenitude, graça sobre graça” (Jo 1:16).

² Idem, p. 22.

Não se esqueça da ligação com João 1:14. Inicialmente, João escreveu “vimos a sua glória” e, depois, adicionou, com efeito “recebemos da sua plenitude”. O resultado foi que João e os outros discípulos tornaram-se homens marcados. A graça empilhada sobre graça poliu-os, deixando-os diferentes. O estilo deles passou a imitar o de Jesus, a tolerância dele passou a ser a tolerância daqueles homens. A aceitação, o amor, a candura e a compaixão de Jesus foram absorvidos por aqueles homens de tal modo que terminaram por transformar a vida deles. No final do século I, o ministério daqueles mesmos homens havia enviado ondas de choque por todo o mundo romano.

João conclui seus comentários introdutórios resumindo a diferença entre estilos contrastantes de ministério: “Pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo” (Jo 1:17).

Com a lei mosaica vieram as exigências, as regras e os regulamentos. Em conjunto com aquelas exigências vieram expectativas incômodas, que alimentavam o fogo dos fariseus. Ao adicionar às leis, os fariseus não apenas aumentaram a lista, mas intensificaram a culpa e a vergonha de qualquer pessoa. Obcecados por obrigações, conduta externa e um constante foco apenas sobre o certo e o errado (especialmente na vida dos outros), eles promoveram um sistema por demais exigente, a ponto de não deixar espaço para a alegria. Isso levou a pronunciamentos duros, de julgamento e até mesmo prejudiciais conforme o sistema religioso que eles promoviam degenerava em simples desempenho exterior em vez de se inclinar na direção da autenticidade interior. A obediência tornou-se uma questão de compulsão amarga, em vez de um alegre transbordar promovido pelo amor.

Mas, quando “a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo”, uma revolução do coração, há muito esperada, começou a libertar os cativos religiosos. O fardo do medo motivado pela culpa foi substituído por nova motivação de seguir a Jesus em verdade, surgida simplesmente por profunda devoção e prazer. Em

vez de concentrar-se nas obras da carne, Jesus falou do coração. Em vez de exigir que o pecador cumprisse uma longa lista de exigências, ele enfatizou a fé, que precisava ser apenas do tamanho de um grão de mostarda.

A mudança significava liberdade, como o próprio Senhor ensinou: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8:32). A religião rígida e estéril seria finalmente substituída por um relacionamento orientado pela graça — a graça libertadora. Seus seguidores adoraram isso. Os inimigos odiaram... e odiaram quem propôs a idéia. Sem dúvida, os primeiros assassinos da graça foram os fariseus.

GRAÇA: VAMOS ENTENDER O TERMO

O que exatamente é graça? Ela está limitada ao ministério e à vida de Jesus? Você vai se surpreender ao descobrir que Jesus nunca usou essa palavra. Ele simplesmente a ensinou e, igualmente importante, ele a viveu. Além disso, a Bíblia nunca nos dá uma definição em uma única frase, embora a graça apareça em todas as suas páginas — não apenas a palavra em si, mas numerosas demonstrações dela. Entender o que significa graça exige que voltemos a um velho termo hebraico que significava “curvar, dobrar-se”. Com o tempo, passou a incorporar a idéia de “favor condescendente”.

Se você já foi a Londres, talvez tenha visto a realeza. Se já foi até lá, você deve ter notado a afetação, a indiferença, o distanciamento. Em algum momento, a realeza da Inglaterra vai virar notícia porque um dos nobres vai parar, ajoelhar-se e tocar ou abençoar um plebeu. Isso é graça. Não há nada no plebeu que o torne merecedor de ser notado, tocado ou abençoado pela família real. Contudo, por causa da graça no coração da pessoa da realeza, existe naquele momento um desejo de parar, curvar-se, tocar e até mesmo abençoar.

O falecido pastor e estudioso da Bíblia Donald Barnhouse talvez tenha expressado melhor a idéia: “O amor que vai para cima é

adoração; o amor que vai para fora é afeição; o amor que se curva é graça”.³

Mostrar graça é estender favor ou bondade a alguém que não a merece e que nunca poderá fazer nada para ganhá-la. Receber a aceitação de Deus pela graça sempre se coloca em fortíssimo contraste com a tentativa de obtê-la com base nas obras. Todas as vezes que surge o pensamento sobre a graça existe a idéia de ela ser imerecida. De modo algum o recipiente está recebendo aquilo que merece. O favor é estendido simplesmente em razão da bondade presente no coração do doador.

Lembro-me muito bem da última surra que levei. Aliás, aconteceu exatamente quando eu estava completando treze anos. Acabava de entrar no complexo mundo dos adolescentes e achava que já era grande coisa. Meu pai não estava nem de longe tão impressionado quanto eu com minha grande importância e independência recém-descobertas. Eu estava deitado na minha cama; ele estava do lado de fora, numa tarde quente e abafada de outubro na cidade de Houston, tirando mato do jardim. Ele disse: “Charles, saia daí e me ajude a tirar o mato do jardim”. Eu disse alguma coisa como “não... hoje é meu aniversário, lembra-se?”. O tom da minha voz foi petulante e minha deliberada falta de respeito foi clara. Eu sabia muito bem como desobedecer a meu pai; mas, afinal de contas, eu tinha toda a maturidade de uma pessoa com treze anos de idade. Meu pai estabeleceu um novo recorde dos cem metros rasos naquela tarde de outono, entrando em casa e partindo para cima de mim imediatamente, batendo-me durante todo o caminho até o jardim. Pelo que me lembro, arranquei mato até a lua começar a brilhar sobre as flores.

Naquela mesma noite, ele me levou para jantar fora, de surpresa. À tarde, deu-me o que eu merecia; à noite, recebi o que eu não merecia. Aquele jantar de aniversário foi graça. Ele condescendeu

³ *Romans, Man's Ruin*, vol. 1, p. 72.

em favor de seu rapaz rebelde. Naquela noite, desfrutei daquilo que um grande teólogo chamado Benjamin Warfield chamou de “soberano favor gratuito a quem não merece”.⁴ Desfrutei da graça.

Há outra coisa que deve ser enfatizada em relação à graça: ela é absoluta e totalmente gratuita. Nunca será exigido que você pague por ela. Você nem mesmo poderia fazê-lo se tentasse. A maioria de nós tem problemas com essa idéia, porque trabalhamos por tudo aquilo que conseguimos. Como diz o velho ditado: “não existe almoço grátis”. Mas, nesse caso, a graça vem até nós livre e desimpedida, sem qualquer condição. Não deveríamos sequer tentar pagar algo por ela; fazer isso é um insulto.

Imagine ir à casa de um amigo que o convidou para jantar. Depois de uma deliciosa refeição, ouvem uma música agradável e batem papo por algum tempo. Por fim, você se levanta, pega seu casaco e se prepara para sair. Mas, antes de deixar a casa, você enfia a mão no bolso e diz: “Bem, quanto lhe devo?”. Mas que insulto! Não se faz isso com alguém que lhe deu graciosamente uma refeição. Não seria esquisito, porém, perceber como este mundo está cheio de pessoas que acham que precisam fazer alguma coisa como pagamento para Deus? De alguma maneira, elas estão esperando que Deus lhes dê um sorriso se elas realmente trabalharem com esforço e conquistarem a aceitação divina, mas essa é uma aceitação com base nas obras. Não é assim que funciona com a graça.

Agora que Cristo veio e morreu e, por meio disso, satisfz as exigências do Pai em relação ao pecado, tudo o que precisamos fazer é clamar por sua graça, aceitando o dom gratuito da vida eterna. Ponto final. Deus sorri para nós por causa da morte e da ressurreição de seu Filho. Isso é graça, meu amigo, graça maravilhosa. Isso é suficiente para dar a qualquer pessoa uma face “sim”!

⁴ Citado em *Great Quotes and Illustrations*, compilado por George Sweeting, p. 133.

GRAÇA: ALGO ESPLENDOROSO

Usamos o termo *graça* para descrever muitas coisas na vida:

- Um atleta ou dançarino que mostra grande habilidade
- Ter boas maneiras e ser atencioso com os outros
- Palavras belas e bem escolhidas
- Consideração e cuidado por outras pessoas
- Diferentes expressões de bondade e misericórdia

Essas declarações me fazem lembrar de Cristo. Que ilustração perfeita de graça! Pense em vários exemplos comigo. Ele se colocou junto de uma mulher pega em adultério. A lei dizia claramente: “Apredejar tais mulheres”. Os assassinos da graça que prepararam a emboscada para pegá-la exigiam o mesmo. Contudo, Cristo disse àqueles fariseus cheios de justiça própria: “Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela” (Jo 8:7). Quanta graça! Debaixo da lei, eles tinham todo o direito legal de sepultá-la debaixo das pedras que tinham nas mãos... e estavam prontos para fazê-lo. Lá estavam eles, com o fogo da justiça própria em seus olhos, mas Jesus interveio com graça.

Quando Lázaro morreu, Marta encontrou-se com Jesus no caminho e Maria o encarou mais tarde em sua casa. As duas o culpavam por não ter chegado antes: “Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido” (Jo 11:21). Há uma forte acusação nessas palavras, mas ele as recebeu com graça. Com um simples movimento de sua mão, Jesus poderia tê-las mandado para a eternidade, mas ele se recusou a retrucar o comentário. Isso é graça.

Quando contava histórias, a graça era seu tema favorito. Jesus empregou um estilo gracioso ao lidar com as crianças. Ele falou do filho pródigo com graça. Quando contava histórias de pessoas que se envolveram em situações desesperadoras, a graça sobejava — como aconteceu com o bom samaritano. Em vez de enaltecer o líder religioso que falou de quão orgulhoso Deus deveria estar por tê-lo em sua família, Cristo sorriu com favor para o pecador

anônimo que disse: “Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador” (Lc 18:13). Até mesmo enquanto esteve pregado na cruz ele se recusou a irar-se com seus inimigos. Lembra-se de sua oração? “Pai, perdoa-lhes...” (Lc 23:34). Nenhum ressentimento, nenhuma amargura. Que maravilhosa é essa graça! É notável a libertação e a liberdade que ela trouxe. E veio com força completa da única pessoa na terra que teve poder ilimitado, o filho de Deus.

Meu apelo é que não a limitemos a Jesus. Nós também podemos aprender a ser tão graciosos quanto ele. Uma vez que podemos, devemos sê-lo... não apenas com nossas palavras e em grandes atos de compaixão e compreensão, mas também nas pequenas coisas.

Sir Edward C. Burne-Jones, conhecido artista inglês do século XIX, foi tomar chá na casa de sua filha. Como uma deferência especial, foi permitido que sua neta pequena viesse à mesa; ela se comportou mal e a mãe colocou-a de castigo no canto da sala, voltada para a parede. *Sir Edward*, um avô experiente, não interferiu no treinamento da neta, mas, na manhã seguinte, foi à casa da filha com tintas e uma paleta. Dirigiu-se à parede onde a menina fora posta de castigo e ali pintou imagens — um gatinho correndo atrás do rabo, carneiros no campo, peixinhos dourados nadando. Decorou as duas paredes daquele canto com pinturas para o deleite da neta. Se a menina precisasse ficar de castigo naquele canto outra vez, pelo menos teria alguma coisa para olhar.⁵

Assim acontece com nosso Senhor. Quando fazemos coisas que não deveríamos, ele pode administrar disciplina, às vezes de maneira bastante severa, mas nunca vira suas costas, ele não manda seus filhos para o inferno! Também não caímos da graça nem somos trancafiados atrás das grades da lei. Ele lida com seus filhos com graça — um favor belo, encantador, imerecido. É realmente maravilhoso!

⁵ Donald Grey BARNHOUSE, *Let Me Illustrate*, p. 145-146.

Sempre haverá alguém — como aqueles que estavam encarando a mulher pega em adultério — que nos pedirá para sermos austeros, rígidos e cruéis. Sim, sempre há uns poucos que preferem apedrejar a perdoar, que votarão a favor do julgamento em vez de pela tolerância. Mas minha esperança é a de que possamos nos unir ao crescente número daqueles que decidem que a graça como a de Cristo (com todos os seus riscos) é muito mais eficaz, contanto que optemos por ela em todas as situações. Deus honra tal atitude.

ALGUMAS EXPECTATIVAS PRÁTICAS

A história infantil de Rip Van Winkle fala de um homem que dormiu por vinte anos e acordou num mundo diferente daquele que conhecera antes de seu longo repouso. Durante o tempo em que estivera dormindo, mudanças maravilhosas aconteceram ao redor dele, das quais não teve nenhum conhecimento. Tal como Rip Van Winkle, muitos de nós estão repousando por causa do opressivo entorpecente daqueles que são capazes de nos impedir de experimentar a vida cheia da maravilhosa graça disponível àqueles de nós que, assim, poderiam receber a vida plena de seu potencial libertador. Acorde! Não durma mais! O despertar da graça está diante de nós. O que você pode esperar depois de levantar de um torpor do qual não teve consciência? Deixe-me encerrar este primeiro capítulo mencionando quatro expectativas práticas que você pode ter à medida que passar a entender melhor a graça.

Primeiramente, *você pode esperar obter maior apreciação dos presentes de Deus a você e aos outros.* Que presentes? Vários me vêm à mente. O presente gratuito da salvação (que consideraremos em profundidade no próximo capítulo). O presente da vida. Os presentes do sorriso, da música, da beleza, da amizade, do perdão. Aqueles que se apropriam da liberdade que Deus oferece passam a ter apreciação pelos presentes que vêm com a vida.

Segundo, *você pode esperar passar menos tempo e gastar menos energia preocupando-se com as escolhas dos outros.* Isso não seria um enorme

alívio? Quando entende a graça — quando começa a trabalhar num contexto de liberdade — você se torna cada vez menos mesquinho. Você permitirá que outros tenham espaço para tomar suas próprias decisões na vida, ainda que você provavelmente agisse de outra maneira.

Terceiro, *você pode esperar tornar-se mais tolerante e menos julgador.* As coisas externas não terão tanta importância quando você terminar de ler este livro. Você começará a cultivar um desejo de ter fé autêntica, em vez de suportar uma religião baseada em desempenho superficial. Você se verá tão envolvido em sua própria busca pela graça que não mais se permitirá forçar sentimentos de culpa sobre aqueles de quem discorda.

Quarto, *você pode esperar dar um grande passo rumo à maturidade.* À medida que seu mundo se expandir, graças a um despertar de sua compreensão da graça, sua maturidade aumentará. Diante de seus próprios olhos, novos panoramas se abrirão. Será de tal modo transformador que você nunca mais será o mesmo.

Isso me lembra uma coisa que me aconteceu quando tinha dez ou onze anos de idade. Acredite se quiser, mas eu nunca havia assistido a um jogo de futebol — quero dizer um jogo oficial, de universidades, colégios ou um jogo profissional, num estádio. Meu mundo era incrivelmente pequeno porque meu conhecimento da vida fora de nossa pequena casa na região leste de Houston era por demais limitado. Não havia televisão em casa quando eu era pequeno, o que também me impedia de receber muitas informações. Certo final de semana, enquanto visitava amigos na cidade de Austin, o pai daquela família perguntou a todas as crianças presentes se gostariam de ir a um jogo de futebol da Universidade do Texas. Eu não tinha certeza do que significava aquilo, mas, se tinha a ver com futebol, eu estava interessado.

Estava prestes a ter uma surpresa! À medida que subíamos pela rampa do estádio, meus olhos devem ter ficado do tamanho de um pires. Quando chegamos à arquibancada, literalmente não pude acreditar na cena que se descortinava diante de mim. Ali estava,

aquecendo-se no campo, Bobby Layne, que mais tarde lideraria os Longhorns numa vitória arrasadora naquele dia. O resultado imediato foi grande — ganhar é sempre bom — mas a mudança de longo prazo na minha vida foi enorme. Em uma única tarde, meu mundo explodiu! Eu havia provado do entusiasmo, das cores, da competição de um time de futebol adulto e nunca mais seria o mesmo. Se pudesse, eu nem mesmo voltaria para casa. O resultado foi que aquela exposição me levou a dar um grande passo na direção do crescimento.

Acredite, uma vez que você prove da liberdade madura que a graça nos dá, nunca mais ficará satisfeito com a vida de jogador de taco — e quero dizer realmente *nunca*.